

# O Grêmio Politécnico no 50.º aniversário de sua fundação\*

RIE P3097

Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade/CIEC  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Unicamp - Brasil

Eng. ALEXANDRE D'ALESSANDRO  
Membro titular do Instituto de Engenharia

Quando, em Janeiro de 1912, aportei a esta cidade, que era, então, acanhada e pequenina, trazia já um programa definido e aprovado por meu pai: cursar a Escola Politécnica de São Paulo. A fama da respeitável casa de ensino superior, malgrado a sua pouca idade, pois não tinha ela ainda 18 anos, ultrapassara já as divisas de São Paulo e ecoava pelo Brasil em fora, inclusive na minha "formosa estrêla do sul", de onde, antes de mim, muitos mineiros já tinham ocorrido em busca da Escola fundada e mantida pela força moral do "velho" Paula Sousa.

E eu, modesto estudante provinciano, sujeito agora às exigências de duvidosa eficácia da célebre Lei Rivadávia, que reformara o ensino secundário com a supressão dos ginásios equiparados, fui obrigado a freqüentar um dos Cursos de Preparatórios, que então proliferavam como conseqüência da mesma Lei, para me candidatar aos exames de Admissão ao 1.º ano daquela Escola ou, mais pròpriamente, ao seu Curso Preliminar.

Para mais facilmente poder freqüentar as aulas de preparatórios, fui morar numa pensão da rua Benjamin Constant, esquina de Quintino Bocaiuva — prédio que em 1953 foi sacrificado ao progresso da cidade — a poucos passos da sede do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. Data de então o meu namôro com esta casa, a minha admiração por aquilo que eu antevia para dentro das suas paredes vetustas e veneráveis — e quanto era veraz a minha imaginação! — onde um pugilo luzido de homens, respeitáveis pelo saber e pelo acendrado amor ao passado da Pátria, se entregava, com paciência e persistência — apanágios da inteligência e da vontade por ela dirigida — às pesquisas exaustivas, que lançam jactos de luz sobre passagens duvidosas, ou restabelecem direitos e roteiros ou descobrem novas perspectivas para a consagração da verdade histórica.

E o namôro durou quase 40 anos, pois que eu nunca me senti suficientemente digno dêste convívio, que eu desfruto apenas pelo voto dos meus amáveis confrades, que me indicaram uma cadeira no recinto augusto dêste sodalício. Procurando honrar aquêlo voto é que eu apresento hoje à consideração de todos uma pequena e modesta contribuição ao espírito realizador desta casa, contando aqui um pouco da história de um punhado de moços idealistas, que, em 50 anos, revesados de ano para ano, escreveram uma página brilhante de civismo e de brasilidade, cuja conservação e continuidade caberá às gerações vindouras.

Quero contar aqui um pedaço da história do Grêmio Politécnico, associação oficial dos alunos da Escola Politécnica de S. Paulo, que em 1.º de Setembro de 1953 completou meio século de vida. Não uma simples descrição de estudentadas inocuas ou inconseqüentes, que não deixam para trás mais do que a lembrança de episódios quase sempre alegres, dignos feitos da mocidade de todos os tempos. Mas uma história verdadeira, cheia de fastos nobres, cujas conseqüências concretas vêm de um idealismo construtivo, escrito nas páginas do bem comum.

Fastos de que procurarei apagar a aridez crua de uma fatalidade histórica, mas realçando-lhes os contornos objetivos,

dos quais tem jorrado uma soma enorme de benefícios para uma parcela ponderável da população desta cidade de 4 séculos.

Façamos, entretanto, um pequeno retrospecto.

Durante muito tempo, um sonho enorme, um sonho de gigante, bailou no cérebro portentoso de Antônio Francisco de Paula Sousa, o grande brasileiro, que foi, a um tempo, "engenheiro, político, patriota, professor e, mais que tudo, educador", na classificação feliz do Prof. F. E. da Fonseca Teles.

E o seu sonho — fundar para a mocidade brasileira, paulista principalmente, um estabelecimento destinado ao ensino superior da Engenharia, pois que êle próprio tinha sentido a sua falta, quando saíra, mar em fora, em busca de um diploma de engenheiro — ganhou corpo e se concretizou na sessão solene de 15 de Fevereiro de 1894, em que foi, finalmente, instalada a Escola Politécnica de São Paulo.

Assistida pelo seu criador e apadrinhada pelas figuras notáveis de Bernardino de Campos, então presidente do Estado e José Alves de Cerqueira César, vice-presidente, a nova Escola estava fadada a um futuro promissor. E foi o que mais se afirmou no espírito dos presentes àquela sessão solene, quando o Prof. Luís de Anhaia Melo, orador oficial da nova Congregação, proclamou convicto: "É uma realidade palpitante a Escola Politécnica de S. Paulo!". E era, também, o primeiro estabelecimento de ensino superior criado no Brasil Republicano.

A Paula Sousa — o Fundador — juntaram-se mais outros idealistas, sonhadores, como êle, do belo sonho, que nos deu aquela realidade: Rodolfo Batista de S. Tiago — o Animador — e Francisco de Paula Ramos de Azevedo — o Consolidador. O primeiro soprou uma alma — e que bela alma! — no conjunto harmônico que então ia-se afirmando. O segundo, talhado também para as grandes realizações, consolidou o organismo de tão belo empreendimento, firmando-o nos seus arcabouços e nos seus fundamentos impercíveis.

E os três — gigantes pelo espírito e gigantes pelo coração — legaram-nos êsse monumento de glória — a Escola Politécnica de S. Paulo, orgulho de um povo e esplendor de uma época, conforme eu quis fixar nestes versos:

## "A ESCOLA POLITÉCNICA DE S. PAULO E OS TRÊS GIGANTES"

O primeiro a sonhou! E era tão grande e ardente  
Do sonhador a fé, que a realidade, um dia,  
Ao nosso olhar se ergueu, forte, imensa, imponente,  
No milagre, talvez, de um passe de magia!

E o gigante exultou! "Minha, é minha somente,  
Forma viva de um sonho! E eu ve-la dou", dizia.  
Então, outro gigante, olhando-a frente a frente,  
Jurou que, a suma Glória, êle a conduziria!

Mas, a Fé não bastava e nem bastava a Glória!  
E o terceiro gigante, as páginas da História,  
Consolidada e firme, a fez povoar bem cedo!

E ela, pompeando ao alto, os nomes não esquece,  
Que há de sempre lembrar num murmúrio de prece:  
Paula Sousa, S. Tiago e Ramos de Azevedo!

(\*) Conferência\* pronunciada no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do qual o autor é Sócio Efetivo